

A=====C=====A=====C=====A=====D=====A

Na porta da cidade um homem estava parado vendendo algo.

- Boa noite, amigo. Conhece algum lugar onde podemos passar a noite?

Ele aproximou-se tão rápido que Alfa levou um susto.

- Não, meu senhor. Não conheço nada. Tudo que sei é comprar e vender churrasco. Nunca saí daqui.

O homem parecia muito triste por não poder indicar-nos coisa alguma. Suas mãos tocaram as minhas e seus olhos lacrimejaram.

"Mas, mas caso o senhor deseje comer, aqui pode encontrar a melhor refeição de sua vida. Churrasco puro, carne sangrenta recém-tirada do corpo, mólho amargo feito com os prazeres da sorte."

Parecia uma frase muito bem decorada, e eu estava tão suprêso que não ousei me mexer. Alfa salvou a situação no momento exato.

- Dois. Sem mólho. Vamos ao primeiro hotel deixar as malas e logo estaremos de volta.

O olhar do homem contraiu-se de alegria.

- Obrigado senhor. Farei o melhor que puder.

E largando minha mão partiu correndo para junto do fogareiro. O acelerador desceu e o carro guinchou antes de arrancar. Alfa, passado o primeiro susto, ria de meu medo.

- Um simples louco. Um louco maravilhoso!

Eu dirigia sem palavra, cansado da viagem, pronto para desmaiar na primeira cama que se apresentasse. Três hotéis apareceram diante de nós e nos três a tabuleta de "LOTAÇÃO ESGOTTADA" fêz-me maldizer a viagem e o dia. Finalmente um botequim surgiu. As duas da manhã o menor botequim aceso representa uma possibilidade inigualável de salvação.

O dono do bar informou-nos que os únicos hotéis da cidade eram aquêles que já havíamos passado. A solução agora seria alugar um quarto de família, bastante fácil de se conseguir naquela época de Carnaval. Perguntamos onde deveríamos bater.

Uma voz cavernosa surgiu por trás de mim, como navalha.

- Eu os levo até lá.

Franzino, crutindo uma bebedeira infernal, dizia-se sargento, mas não falou de que arma. No pequeno trecho que separava o bar do local onde iríamos conseguir o quarto, criou chance para contar-nos tôda a sua vida, sua incorruptibilidade, seus filhos e sua mulher.

Quando chegamos, negou-se a saltar.

- Tenho medo de cachorro.

Meu olhar deve ter sido tão violento que o pobre sujeito pulou do carro imediatamente. Estávamos diante de uma oficina de automóveis com tôdas as luzes apagadas.

Era ali, explicou-me, que iríamos dormir.

Meia hora depois. com as mãos inchadas de tanto socar o portão de ferro (ninguém da vizinhança reclamou), deduziu com brilhantismo que ninguém estava em casa. Entrando no carro com um gesto marcial, ordenou-me pereptóriamente que tocasse para adiante.

- Vocês hoje dormirão em minha casa.

Senti os dedos de Alfa cravarem-se fundo em meu ombro, e sem perda de tempo interrompi aquele generoso convite. Disse-lhe que agradecemos muito, mas era um incômodo para ele, para sua mulher e seus inteligentes, incorruptíveis e bem-educados filhos. Afinal, o carro em determinadas circunstâncias bem que poderia ser uma cama deliciosa.

Mas o Sargento foi inflexível e apesar dos beliscos e unhas de Alfa, eu não tinha mais forças para recusar o convite.

Durante bastante tempo rodamos, as ruas asfaltadas deram lugar a barro, as casas sumiram deixando que o mato crescesse. Eu apalpava constantemente o revólver carregado, suando frio, enquanto fingia conversar alegremente para que Alfa não percebesse.

Finalmente uma casinha surgiu. Modesta, é verdade, mas tão acolhedora quanto limpa. O Sargento encheu o peito de orgulho como um General, e eu me desmanchei em agradecimentos. Enfim, poderia deitar e dormir, sentir o "ar puro dos currais da roça".

Alfa estava vencida, afinal.

Antes de sairmos, o Sargento pediu para que eu acendesse a luz do carro. Feito isto, tirou do bolso um recibo e prendeu-o ao volante.

Era a nota fiscal indicando a compra de uma enciclopédia de doze volumes a respeito de

- Física Nuclear. Eu não entendo muito, mas o senhor poderá explicar-me alguma coisa.

Alfa riu e eu comecei a tirar uma infinidade de malas, secador de cabelo, barraca de praia, etc. para fora do carro. Quando já estava tudo no alpendre da fantástica casinha, o Sargento apontou-nos uma árvore.

- Deixa que eu guarde tudo isto lá dentro. Podem ir para lá.

Lá aonde? A árvore nos olhava sorridente.

- É ali que vocês vão ficar.

Diante de nosso olhar abobalhado, ele tornou a repetir, com medo que não tivéssemos entendido.

- Ali. Naquela árvore. Escolham o galho que quiserem.

O Sargento ficou, desmaiado com uma coronhada no olho. Alfa ria muito, mas o cansaço não me dava condições de reagir. Pelo contrário, o esgotamento era tal que comecei a perder o sentido lógico das coisas. Tudo fazia parte de um sonho que eu seria incapaz de recordar quando acordasse.

A ausência de reflexos obrigou-me a implorar a Alfa que dirigisse o carro. E mal tive tempo de cochilar quando uma freiada súbita despertou-me novamente para a realidade (?).

Era o mesmo bar onde estiveramos antes.

Entramos, pedimos café e dissemos que nada havia sido encontrado. O sujeito do balcão disse-nos que não havia café e perguntou-nos pelo Sargento.

- Ficou estudando Física - respondi sem titubear. Por trás de mim, a sombra ameaçadora de um pugilista. Sim, eles percebiam meu medo, sabiam que eu estava mentindo. Alfa preparou-se para correr e eu ia pedir perdão por tudo,

quando a mesa ao meu lado estourou com um sôco.  
Adeus, mundo...

- Não tem café! - o pugilista estava possesso - como é que não tem café? Pois eu vou providenciar café imediatamente para este casal. Venham comigo!

Então não era o fim! Mas eu não podia bobear agora. Na mesma hora me lembrei da cortesia exagerada do Sargento, e foi preciso um bom espaço de tempo para dissuadir o Novo Samaritano. Já não aguentava de tanta cortesia, meu reino por uma cama. Com muito esforço Alfa e eu conseguimos sair, não sem antes recebermos convites de tôdas as pessoas do bar, provavelmente cada um com uma árvore mais confortável que o outro.

De repente, um edifício todo iluminado. E em sua entrada, a tabuleta salvadora:

ALUGA-SE QUARTOS

Num mesmo gesto Alfa e eu saltamos do carro, antes do próximo batimento do coração meu dedo já está cravado na campainha.

Esperamos.

Eu toco quinze vezes.

E finalmente, contra a vontade de todos os honores da terra, decidimos entrar.

Corredores imensos, escadas surgindo do Nada e se projetando ao Infinito; quartos totalmente vazios e com tôdas as luzes acesas. Não vale a pena perguntar, o melhor é deitar-se aqui mesmo e amanhã aguentar as consequências. Alfa aceita imediatamente a idéia.

E quando nos preparávamos para dormir, surge um vulto de pijama.

- Boa noite - êle diz. Lá fora, o dia começa.

Nós respondemos temerosos, mas o homem é de boa paz e senta-se ao nosso lado. Seus olhos acendem-se no desejo de uma conversa, iniciando sem cerimônia:

- Eu sou piloto. Meu avião caiu em cima deste edifício, e porisso resolvi pernoitar aqui. Eu sou piloto. Eu sou piloto, vuuuum!

Começa a voar pela sala. Em dois minutos Alfa e eu estamos de novo no carro.

Só nos resta voltar para casa. Um comprimido de estimulante resolve o problema, e o carro começa a rodar. Não trocamos palavra. Realmente, depois de tudo, muito pouca coisa restou para ser dita. Mecanicamente o carro corta as ruas desertas, e é forçado a parar na entrada da cidade, onde um caminhão atravessou-se na pista.

O homem do churrasco caminha até nós, desta vez com uma pistola na mão direita.

- Eu preparei a comida e vocês não voltaram. Agora preciso de carne fresca.

Tento dar marcha-a-ré, mas uma bala me atinge antes.

=====